

# Meu Pai, Bruno de Menezes

Maria de Belém Menezes

— Belém, escreve algo sobre teu pai — falaram Rosa Assis e Célia Jacob para este número de “Asas da Palavra”.

Atendendo ao gentil convite, venho aqui registrar algumas marcas que me ficaram dele, e que evocamos em casa, numa saudade gostosa.

Logo recordo sua alegria de viver. Levava a vida com otimismo, não alimentando amarguras ou decepções, tinha um gênio pacífico, sabendo enfrentar as dificuldades inerentes a um casal de modestos funcionários com numerosa família. Mamãe era mais preocupada e, com seu grande fervor religioso, invocava, nas horas difíceis: “Nossa Senhora, São José, São Francisco...”, o que fez papai criar esta cena: “No céu, São José vem correndo e se encontra com São Francisco, também correndo. — Me ajude, São Francisco, a atender a Dona Francisquinha... E São Francisco: “Mas já é pra ela que eu estou correndo”...

Lembro-me que um dia, vinha com ele pela Praça Patroni e encontramos um velho amigo que não avistava há tempos. Papai lhe diz: “Ei, rapaz, nunca mais! Cadê aquela caipirinha? Nunca mais te vi no Barbinha... E aquela caranguejada?” O homem responde: “Ah, Bruno, não sou mais disso”... E o papai, incontinenti, “Estás morto!” E foi saindo... Eu disse: “Papai, o senhor acabou de matar o homem...” E ele: “Um camarada desses está esperando a morte”.

Por essa mesma alegria de viver gostava de fazer aniversário. São dos belos momentos em nossa infância os almoços em casa da vovó Balbina — mãe dele — cozinheira de dez dedos. (Vovó fazia uma quiabada sem igual: as rodas de quiabos, inteiras e macias. Só um filho de Maria Balbina poderia, anos mais tarde, escrever o capítulo sobre Alimentação na Amazônia, para a Antologia de Câmara Cascudo.) Uma feijoada, um cozido de pirarucu, uma maniçoba, qualquer prato desses, a cada ano reunindo os amigos intelectuais mais chegados, recitando, discursando, tudo simples e estreitando laços.

A paixão pelas tradições locais o fazia amar tudo o que era Belém: Cheiro-cheiroso — na véspera de S. João (ele, que escrevera num poema: “Hoje minha cidade amanheceu tresclando...”), vinha do Ver-O-Peso com o material do banho, trazendo capelinha de S. João na cabeça. Enquanto lavava as folhas e raízes, preparando a bacia de cheiro, dizia: “É preciso não deixar morrer a tradição”... Daí por que amava o Carnaval — recordo-o, garota, preparando-se para ser o “Boto Tucuxy”, no Bloco da Boiúna, que reuniu, nos anos trinta, intelectuais que queriam reagir contra o que já transparecia importação de outros Estados. No Círio, gostava de ver os meninos que recolhem promessas, vestidos à marinheira, achando que se deveria

reafirmar a presença milagrosa da Padroeira nas águas da região. Do Círio dos últimos anos registro um fato que mostra a espontaneidade de seu espírito. Para não nos perdermos, mamãe e Ruth iam à frente, eu e ele logo atrás. De repente, não vimos mais as duas. Espichando-me, vi-as uns metros adiante e gritei: “lá estão!” Ele saiu correndo, se desvencilhando da multidão, para encontrá-las. Eu, atrás dele. Uma senhora, espantada, reclamou: — “Mas já é correndo?” E ele, voltando-se, incontinenti: “Promessa”!

Adorava cinema e nos contagiou. Mamãe contava que papai levou o Geraldo, com dez anos, à redação da “Folha do Norte”, para que fosse publicado um registro que o menino fizera sobre a morte de Lon Chaney, artista famoso da época, por sua interpretação em “Corcunda de Notre Dame”. Éramos vizinhos do antigo cinema Guarany e papai não dispensava a sessão de cinema. Depois de ver “Jardim de Alá”, entusiasmado com a dupla romântica Charles Boyer e Marlene Dietrich (naquele tempo impressionava mais o desempenho dos artistas que o do diretor, como agora), escreveu um poema inserto em “Lua Sonâmbula”. Era fã do gênero *western* e, ao ver “O Homem que Matou o Facínora”, empolgado, insistiu para que fôssemos ver esse filme até hoje inesquecível.

Adolescente e jovem, recitei, com a Ruth, em cerimônias da APL (a esse tempo a APL não tinha sede própria e as reuniões se faziam no Salão Nobre da então Biblioteca Pública, do Instituto de Educação do Pará e no Teatro da Paz, tanto que foi das suas maiores alegrias ter conseguido, quando estava na Diretoria, a sede própria, na 13 de Maio, a qual, mais tarde foi permutada com a sede atual, na João Diogo), “Escola dos Sapos”, “Igreja de Arrabalde”, “Mãe Preta”, “Mastro do Divino”. Mamãe nos ensaiava, com a prática que possuía das festas escolares, treinando alunos. Marília depois ficou em nosso lugar como a declamadora do papai, a acompanhante ao “Até o Sol Rair”, a companheira de viagens à Cooperativa de Tomé-Açu, participando de festejos na escola que ali papai fundou com os japoneses. Hoje, em sua vida de missionária, Marília diz que muito aprendeu com papai a ouvir o povo, saber os “causos”, sentir suas necessidades.

Quando Marília partiu para o Convento, papai sofreu um grande choque. O segundo. O primeiro foi quando o Geraldo quis ser padre. Mamãe certa vez lhe disse: “Nosso Senhor o pegou pelo pé: seus dois filhos mais queridos foram chamados para servir a Deus”. Reclamava no começo. Depois, tinha orgulho deles. Geraldo passou um tempo no Ceará, procurando melhoras para uma séria rinite alérgica, indo por umas semanas à Serra do Estevão. Papai foi vê-lo e logo fez amizades com vários padres que ali se hospedavam, os quais o convidaram para a Missa de

domingo (naquele tempo não havia Missa concelebrada). Depois, disse o papai ao Geraldo: “Rapaz, levei uma surra de Missa.” Quanto à Marília, se dizia “sogro de Cristo”. Criou a expressão ao regressar de uma viagem no interior, onde houvera um desastre, chegando notícias até de vítimas. Graças a Deus papai chegou bem e mamãe lhe disse: “Já está em tempo de você, pensar em sua alma... Chega um momento desses...” E ele: “Isso é com você, pra que é que eu sou sogro de Cristo?” Mamãe não atinou logo e ante seu espanto, papai disse: “Minha filha não é casada com Ele? Então, eu sou sogro de Cristo”...

Dizia-se “católico”, embora não praticasse a Religião, mas era de profundo espírito religioso, haurido na infância, com sua madrinha, que o levava todos os anos às cerimônias da Semana Santa, na Catedral. Daí, talvez, seu primeiro livro de versos ter o título de “Crucifixo” e não saía de casa sem se benzer diante da imagem do Crucificado que mamãe colocou na parte interna de nossa porta.

Tinha muito amor pelo estudo de piano da Leonora. Deu-lhe o primeiro instrumento, de segunda mão, e foi nesse que ela tocou, ouvindo o papai cantar, decorados de muitos anos, os motivos populares de vários poemas de “Batuque”, fazendo Lenora, depois, a grafia musical que, a partir de então, constam das sucessivas edições desse livro, salvando do esquecimento as folclóricas melodias.

Espírito boêmio, contador de anedotas, dono de conversa versátil, irradiando simplicidade de vida e cordialidade, papai possuía a arte de fazer amigos e se sentia bem com os mais jovens, como Pedro Tupinambá, Raymundo Vianna, Vicente Salles e os rapazes do Clube da Madrugada, de Manaus. Certa vez, aqui em Belém, encontramos com Thiago de Mello, que era do Clube e, apresentando-nos como filhas de Bruno de Menezes, o já consagrado poeta disse a mim e à Ruth: “Ele era o mais jovem de todos nós”.

Torcedor incondicional do Clube do Remo, passou-nos a força da paixão azulina, que continua nos netos e bisnetos.

Impossível esquecer seu amor pela Lua, musa inspiradora de seu primeiro livro modernista, “Bailado Lunar” (1924), de “Lua Sonâmbula” (1953) e nome presente em quase todos os seus poemas. Mamãe também gostava muito da Lua e os dois nos passaram esse encantamento pela Lua Cheia, Crescente, Minguante...

Não Possuíamos retratos dele na infância de menino muito pobre. O primeiro que temos é quando lançou “Crucifixo” (1920), mas, a partir daí, tinha mania de tirar retratos, o que lhe possibilitou a bonita exposição na Casa da Linguagem, em 1993, ano do centenário de seu nascimento, festivamente comemorado em nossa cidade, para grande alegria nossa.

Destaco seu amor pela leitura. Depois de aposentado pôde então melhor se dedicar a esse autodidatismo que o acompanhou a vida inteira, compensando os poucos estudos regulares. Mamãe o acompanhava nessa afeição pelos livros, mas sacrificara muito desse ideal pelos afaze-

res domésticos. Nossos presentes de aniversário, de Natal, eram livros: coleções infantis de Monteiro Lobato, Viriato Corrêa, Lendas, Poesias escolares, os eternos contos de fadas, despertando-nos, desde crianças, o amor pela leitura.

Sempre nos lembramos de um episódio: certo dia, em casa, papai disse: “Quando um de nós morrer, eu faço a notícia, Geraldo reza a Missa, Francisquinha, Ruth e Belém rezam o Terço, José dá o atestado, Stéleo faz o inventário, Lenora toca na Missa e Marília canta os hinos. E foi gargalhada geral porque ninguém era o morto...”

Viajando constantemente para o interior, em serviços do cooperativismo ou em pesquisas folclóricas, sempre trazia uma história sobre a alma simples dos caboclos. Certa vez, em fria madrugada, vinha numa canoa com um remador. Para amenizar a umidade, de vez em quando, um gole de cachaça repartida entre os dois. De repente, diz-lhe o caboclo: “Patrão, se esse mar fusse cachaça, eu me afugava”...

Ao viajar, gostava que deixássemos os jornais para ler no regresso. Não queria que arrumássemos a mesa do quarto, dizendo que na sua desarrumação encontrava tudo... Foi após uma dessas viagens que encontrou na coluna de Georgeton Franco, a notícia do concurso nacional das Chaves de Ouro de Guilherme de Almeida, promovido pela Academia de Letras de Ilhéus, na Bahia. Falta pouco tempo para o encerramento das inscrições. Ele leu a nota para mamãe e disse: “Acho que vou perder umas madrugadas e entrar nesse concurso”. Mamãe respondeu: “Faça, que meu coração está dizendo que você conquistará o primeiro lugar”. E assim foi. Quando saiu a edição dos vitoriosos “Onze Sonetos”, com que o Governo do Estado comemorava a láurea concedida ao poeta, papai dedicou à mamãe um livro: “Francisquinha, o primeiro exemplar é teu, pelo incentivo”.

Vendo hoje, nos noticiários internacionais e nacionais a importância do cooperativismo, frente a tantos problemas sociais, evocamos o papai trabalhando incansavelmente como fervoroso idealista do sistema, do qual foi dos pioneiros em nosso Estado, e testemunhamos que a doutrina cooperativista era para ele uma vivência, um “estado de espírito”. Ganhou até o título de “Professor Bruno”, ao dar aulas de cooperativismo em escolas de 1ª e 2ª graus, dizendo que “desde a infância e adolescência se tem de formar na pessoa uma mentalidade cooperativista.”

Muito ainda teria de contar — como o personagem do Y-Juca-Pirama: “meninos, eu vi” — dos trinta e oito anos de convivência com meu pai, e desejo terminar esse filial registro com a opinião alheia, se bem que de um amigo muito querido, Prof. Francisco Paulo Mendes, na apresentação das “Obras Completas”, em 1993: “Bruno de Menezes, se foi um dos nossos maiores escritores, foi também, e acima de tudo, um homem bom e íntegro. E isso vale por seu maior elogio, nesse momento em que comemoramos, comovidamente, seu centenário de nascimento”.